OS BATISTAS DE FEIRA DE SANTANA: ROMPENDO O SILÊNCIO DA COR

Juciane Cerqueira de Souza*

Resumo: *A presente comunicação tem por objetivo analisar a inclusão do negro, bem como a construção de sua identidade afro-brasileira entre os batistas de Feira de Santana, centrando na década de 90, indo os limites da pesquisa até o ano de 2005. A questão do negro no Brasil não é isolada, e considerando a estreita relação da Denominação Batista Norte-americana à Convenção Batista Brasileira cabe analisar a relevância deste fato na Igreja local. Pretende-se analisar o discurso teológico e político produzido pela instituição, a qual constrói um universo simbólico, significativo e determinante da prática social do grupo. Em meio a uma cidade onde há um grande número de afro-brasileiros, abrem-se discussões sobre a História do Negro, enquanto experiência coletiva de inclusão e cultura, espaço de resistência e valores. A exclusão social do negro já se tornou uma marca maldita, impingida por uma sociedade que se intitula cristã e que não consegue aplicar seu discurso teológico de respeito e igualdade dos seres humanos perante o Criador. Assim, percebe-se como a História dos Negros é manchada pela inaceitabilidade e a violência que sofreram, obrigando-se, como forma de sobrevivência, a negar valores e atitudes culturais de sua religiosidade ancestral, que tece outras formas de identidade.*

Palavras-chave: Batistas; Afro-brasileira; Feira de Santana.

INTRODUÇÃO

A questão central desta comunicação é pensar as relações estabelecidas pelo Protestantismo Batista com a sociedade feirense, mais especificamente a inserção do negro, bem como de sua Cultura Afro-Brasileira entre os Batistas de Feira de Santana. Pesquisa esta que se encontra em andamento, dentro do projeto "Expansão Protestante em Feira de Santana (1935-1995)". Assim pretende-se fazer um estudo sobre o protestantismo, dentro do contexto social ao qual está inserido, percebendo como este se articula diante do fato, como suas percepções do social são construídas e como estas interferem em suas práticas. Para Alves (1996, p.09) é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer no cotidiano. A religião, portanto, está muito próxima das experiências particulares, um elemento constitutivo da nossa cultura, mantendo, portanto, uma relação dinâmica com os demais elementos formadores de uma dada realidade cultural.

A Denominação Batista é um grupo protestante histórico que começou a marcar sua presença na cidade de Feira de Santana em 1947, com a fundação da primeira Igreja Batista de Feira de Santana por missionários enviados pela Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, Richmond e por pastores batistas da região.

Este estudo preliminar está circunscrito no final da década de 90, quando iniciam-se as discussões na Denominação Batista, mais especificamente limitadas ao seu meio acadêmico teológico, o STBNe - Seminário Batista Teológico do Nordeste, localizado na cidade de Feira de Santana, com relação à presença do negro evangélico e como as doutrinas protestantes têm se posicionado frente às feridas da escravidão que não foram cicatrizadas, mas veladas em um silêncio consentido. O STBNe, sendo um centro de formação de obreiros, evangelistas, professores, missionários e pastores, e portador de uma concepção protestante historicamente definida por algumas divergências, tornou-se nos últimos nove anos um espaço de discussão sobre a violência moral, ética e psicológica sofrida pelo negro, buscando um evangelho Negro,

* Graduanda do Curso de Licenciatura em História, pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail:juhis_uefs@yahoo.com.br.- Autora. Orientada pela Profª. Drª. Elizete da Silva (DCHF/UEFS)

uma Teologia Negra. Além disso, a questão do negro no Brasil não é isolada, e considerando os estreitos vínculos da Denominação Batista Norte-americana e a Convenção Batista Brasileira, cabe analisar as representações ideológicas e culturais que nascem destas relações.

A presença protestante no Brasil só recentemente passou a ser objeto de estudo sistemático. Dessa forma, a bibliografia sobre o tema ainda é bastante restrita e as pesquisas monográficas têm privilegiado as regiões norte e sul do País. Na Bahia, estado da fundação da primeira Igreja Batista do Brasil, poucos são os trabalhos que têm se dedicado a analisar o tema. A exemplo dos trabalhos das professoras Marli Geralda Teixeira e Elizete da Silva, que estudam com maior profundidade os batistas na Bahia. Mas, a respeito da Denominação Batista em Feira de Santana, poucos trabalhos de caráter histórico e sócio-antropológico têm sido realizados, além de algumas memórias escritas por membros antigos.

Pretende-se analisar o discurso teológico e político produzido pela instituição batista, a qual constrói um universo simbólico significativo e determinante da prática social do seu grupo.

Em meio a uma cidade, como Feira de Santana, onde há um grande número de afro-brasileiros, abrem-se discussões sobre a inclusão daqueles na História Feirense, como sujeitos históricos, enquanto protagonistas de uma experiência coletiva de inclusão social e cultural, tomando o campo religioso como espaço de resistência e conflito de valores - a afirmação do grupo social negro, e a elaboração de uma identidade e consciência dentro da Denominação Batista. Trata-se de uma História ainda silenciada, sobre a realidade mais recente da população negra e a afirmação de sua própria existência.

Dessa forma, este estudo configura-se como uma oportunidade de estar contribuindo para mais um capítulo da História dos Negros, entre em si, como em contato com outras formas de sociabilidade, logo, estabelecer uma interseção entre etnia e religião oferece a todos e quaisquer pesquisadores o contato com uma temática que ainda carece de um estudo mais apurado, tanto de caráter sócio-antropológico como histórico sobre o negro evangélico na Bahia e em Feira de Santana. Estudar o negro evangélico é ampliar o conhecimento da História de Feira de Santana. Outrossim, esta discussão reivindica uma nova reflexão epistemológica e a produção de um conhecimento contemporâneo na historiografia Baiana e Brasileira, pois quase tudo que fora escrito academicamente sobre os "não-brancos", está longe de atender a valorização da mulher e do homem negro, bem como da cultura negra.

Para entender a construção da identidade do negro batista tornou-se imprescindível a contribuição do historiador Roger Chartier, com o conceito de representação tal como é pensado na História Cultural, servindo para "identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 1990, p.17). Neste sentido, buscamos responder as indagações de perscrutar as representações construídas pelos batistas a partir de leituras, feitas pelos mesmos, para tornar a sua realidade inteligível articulada aos fatos na sociedade local no período. Para tanto, são utilizados depoimentos, artigos de jornais e revistas, bem como as cartas de ingresso, na qual os estudantes relatam como se converteram e foram chamados à vocação e ao trabalho evangelístico.

Assim, a religião vai construir um mundo ou realidade através das representações, com uma pluralidade de compreensões e visões do mundo social, das imagens dos textos antigos, a Bíblia, legitimando, justificando e conservando ou determinando o comportamento de seus adeptos. Para a compreensão deste campo religioso foi importante a contribuição de Pierre Bourdieu a este estudo:

> A estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações constitutivas do campo religioso que cumpre uma função externa de legitimação da ordem estabelecida.(BOURDIEU, 1974, p. 69).

Este tema traz consigo uma carga de relação de poder e dominação, determinado pela estrutura da sociedade na qual é construído o conceito de cultura, esta que não deve ser

considerada como "um complexo de comportamentos concretos, mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam de programa) para governar o comportamento" (GEERTZ, 1978, p.199). Estudar as relações raciais no Brasil traz consigo todas as implicações de uma História das relações sociais escamoteadas pelo mito da Democracia Racial, entendida como a igualdade e liberdade de homens e mulheres de diferentes raças.

AS MARCAS DO PROTESTANTISMO: TEOLOGIA NEGRA

A missão Batista que veio ao Brasil dos Estados Unidos foi a da convenção sulista, essencialmente escravocrata e racista. E, em seu processo proselitista de catequização de brasileiros, se posicionou de forma etnocêntrica. A principal estratégia de implantação utilizada por estes missionários foi a educação, dado o cenário social encontrado no Brasil. A valorização do saber - falamos da alfabetização - e a sua contribuição como forma de ascensão social, no contexto de sua implantação, bem como o trabalho. Segundo Bastide, o protestantismo (1971, p.506) atraiu no início do século negros e mulatos, por que representou um canal de ascensão, "pois o protestantismo, religião do livro, impunha o aprendizado da leitura, e esta, por sua vez, acarretava uma massa rural e analfabeta, a constituição de uma nova elite".

À medida que a população negra aspirava igualdade com a população branca, a instrução foi vista como um canal disponível para alcançar seu objetivo. Isto posto, o interesse pela educação repercute de forma favorável como mecanismo de conversão ao protestantismo, articulando ensino religioso e ensino formal. De modo intríseco, as Denominações Protestantes promoveram o acesso ao último, estando este diretamente ligado ao primeiro. "Dessa forma, não seria possível adotar o sistema educativo protestante sem assumir, em seu bojo, o sistema educativo religioso por ele propugnado" (BARBOSA, 1988, p.56).

Não obstante praticamente a totalidade das denominações protestantes no Brasil terem já alcançado plena nacionalização, em muitas delas persistem valores de cultura norte-americana. Mas talvez o legado mais pernicioso deixado pelo passado missionário seja a aversão às manifestações de cultura africana, percebida em sua documentação, segundo Silva (1998 p.179).

> O silêncio da cor na documentação dos batistas e o quase silêncio entre os independentes também era uma forma de apagar as raízes africanas em uma comunidade predominantemente negra, mas que passava por um processo de conversão, ou desafricanização, que considerava pecaminosas e errôneas todas as manifestações culturais de origem africana. Se converter ' é mudar de discurso e de prática', os membros da Igreja Batista deveriam esquecer as suas origens étnicas africanas, as velhas práticas e assumirem o novo discurso do evangelho anglo-saxônico pregado pelos missionários norte-americanos e absorverem novas atitudes civilizadas, compatíveis com o corpus doutrinário que estava sendo ensinado.

Portanto, as verdades estabelecidas por este grupo religioso legitimavam um racismo escamoteado, construído através de suas representações e apreensão da realidade, sobre a cultura afro-brasileira, que condicionavam as atitudes e embates deste grupo protestante. Há que se ressaltar que o silêncio da cor na História do Protestantismo Brasileiro se concretiza no restrito número de estudos; mesmos aqueles de caráter confessional não se têm dedicado a falar do negro evangélico batista, sobre a História de sua realidade mais recente, mais especificamente das relações entre negros e brancos. E nesta perspectiva nos interrogamos, sobre o discurso proferido pela Igreja de igual dignidade entre os homens: Mantém-se o discurso? É reconhecida esta igualdade?

A doutrina batista é extremamente marcada pelo caráter pietista e puritano, não permitindo a transgressão da orientação bíblica. Uma mensagem que nega outras religiões, incluindo o Catolicismo, mesmo este sendo Cristão, e comumente alvo da conversão à fé evangélica, confirmada com o ato público de um novo batismo, uma confissão de fé, atitudes que não contrariam a sua postura proselitista, mas que demonstram sua aversão à cultura do outro como exemplifica Trabuco (2006 p.09):

> Em Feira de Santana, os protestantes se defrontavam com a popular Micareta, e com a festa mais tradicional do calendário católico da cidade, a festa de Santana. E se o próprio é marcado pela festividade católica, os protestantes precisavam habitar outro tempo, o da produtividade e do trabalho.

O motivo da problemática nos ocorreu ao encontrarmos em uma documentação do STBNe, mais especificamente em um Jornal da Denominação, o artigo com o título Você Sabe a Cor de Deus?, no qual o autor, pastor Sóstenes Borges de Souza, fala de um convite recebido, em 1997, para comparecer como palestrante no V Seminário do Olodum "Você Sabe a Cor de Deus?". Convite este que não aceitara alegando ter agendado outros compromissos, anteriormente. Revelando uma efervescência de discussões no seio da comunidade eclesiástica sobre o lugar da Cor no Evangelho, mas que anteriormente não foi possível implementar estas discussões. Conforme o Jornal Batista:

> Embora nós já tenhamos agendado em nossa igreja uma série de conferências para tratar sobre as respostas do Evangelho sobre a cor de Deus, incomodou-nos sobremaneira o fato da iniciativa ter sido do Olodum.
> Onde estão os profetas batistas baianos que poderiam ter tido essa iniciativa?[1]

O que se tornou perceptível no discurso é que havia uma certa discussão dentro da Denominação Batista acerca da discriminação racial contra os afro-abrasileiros, tendo em vista a indignação frente à iniciativa de um grupo não-evangélico ter propiciado esta discussão, e consciência de que estando no estado de maior concentração da população negra, a Denominação não ter se posicionado contra a exclusão social do negro na sociedade brasileira, como se estivesse à revelia do espaço e tempo no qual está inserida: "mas devemos aproveitar o contexto social e cultural existente para responder, na unção do espírito, às perguntas que as pessoas estão fazendo nas conversas cotidianas", disse o pastor Sóstenes Borges de Souza. [2]

Na década de 60 nos Estados Unidos, país de origem da Denominação Batista Brasileira, foram propagadas com mais intensidade as idéias de igualdade racial, que chegaram ao Brasil, do reverendo batista negro Marthin Luther King, líder de um movimento pacífico contra o racismo americano, que inspiraria outros movimentos sociais contra a discriminação racial. E onde, inicialmente, é pensada uma Teologia Negra. Vale ressaltar que os missionários americanos que vieram ao Brasil eram todos brancos, provenientes de um estado sulista. É necessário pensar que desde o final da década de 70 a questão do negro é pensada no País. Foi estabelecida uma reação Católica organizada contra a discriminação racial, uma renovação institucional assistencialista que organizou a Pastoral Negra, bem como a organização de outros movimentos sociais contra o racismo no Brasil, a exemplificar em Feira de Santana a FRENEF – Frente Negra Feirense, e nenhuma reação batista frente ao problema.

Perscrutando as relações entre o Seminário Teológico Batista do Nordeste e a Convenção Norte-americana, fora identificado que a escolha dos reitores do seminário desde o ano de sua fundação, em 1960, estava sempre a cargo dos norte-americanos, bem como a direção de um

[1] Jornal Batista Baiano, Fevereiro de 1997, p.02.
[2] Idem, p.02.

missionário americano, Robert Elthon Jonhson, até 1971, e Newell Mack Shults, até 1998, sendo que até este ano, 1998, a instituição seria financiada pela Junta de Richmond.

Em 1999, pela primeira vez um pastor batista brasileiro assume a direção do seminário, o pastor Ágabo Borges de Souza. Neste mesmo ano, a instituição promoveu o I Encontro Brasileiro Batista sobre Racismo em Salvador, de 20 a 22 de agosto, evento para o qual foram convidados membros da denominação do estado e do Brasil, em especial estudantes e professores da instituição, bem como palestrantes americanos, que discutem a Teologia Negra. Este evento nascido de uma motivação negra, e não um interesse particular da Denominação Batista Baiana, segundo Silva (2006 p.14).

> (...) impulsionado e influenciado pelo professor Dr. Allen D. Callahan, primeiro professor norte-americano negro da referida instituição batista. Conforme um dos organizadores do referido evento, a participação dos irmãos batistas foi muito fraca, não teve a repercussão esperada. Passados seis anos não houve um segundo encontro e ao que parece o interesse pelas questões étnicas arrefeceu com o retorno do Dr. Callahan aos EUA.

Em uma das palestras do encontro, Paulo D. Siepierski, abordando a temática Localização Histórica do Racismo Brasileiro, falou do racismo e da cosmovisão da cultura afro-brasileira, e de suas raízes nos Estados Unidos.

> Tal aversão ganha expressão revitalizada nas atuais doutrinas teológicas que conjuntamente podem ser denominadas 'guerra espiritual'. A característica principal dessas doutrinas é a demonização das expressões religiosas afro-brasileiras, particularmente o candomblé. Numa guerra desenfreada pelo mercado de bens religiosos, o protestantismo brasileiro tem desenvolvido uma faceta que praticamente o descaracteriza, afastando-o mais ainda da Reforma.[3]

O que pode ser concluído, no discurso de Siepierski, é que se admite o racismo atual no protestantismo brasileiro como um legado do trabalho missionário norte-americano, mas há que se considerar o contexto no qual a Missão Batista se insere no campo religioso brasileiro. Mas, a tradição afro-brasileira é também um legado deixado por homens e mulheres africanos, que contribuíram para o que chamamos hoje de cultura brasileira. As religiões afro-brasileiras, mantidas e recriadas são uma das matrizes do imaginário religioso, que sofre a violência simbólica e concreta construída historicamente no mundo, sendo este fato admitido pelo reitor da instituição, Ágabo Borges de Sousa.

> Pensar, portanto, no racismo, partindo da realidade brasileira, é pensar na desumanização do ser humano, concretizada na escravidão, que deixou suas marcas, não somente no desenvolvimento social, mas também na consciência do povo.
> Lamentavelmente esta experiência histórica manteve seus reflexos até nossos dias.[4]

Diferentemente destes pastores brasileiros de cor branca, o professor negro, Dr. Callahan, membro da Convenção Norte-americana Batista do Texas, em seu discurso não se limita a explanar sobre a violência sofrida pelos negros, sem impulsionar os ouvintes ou leitores deste discurso a uma reação contra o preconceito racial. Foi possível constatar a busca da construção

[3] Palestra apresentada no I Encontro Batista Brasileiro sobre Racismo, realizado em Salvador, Bahia, de 20 a 22 de Agosto de 1999.
[4] Texto apresentado no I Encontro Batista Brasileiro sobre Racismo, realizado em Salvador, Bahia, de 20 a 22 de Agosto de 1999.

de uma identidade negra religiosa, uma espiritualidade negra que inspira e motiva a luta contra a discriminação e injustiça social.

> Os afro-americanos viram Jesus como suave mestre da pedagogia dos oprimidos. Alguns, também, o viram como seu líder militante, apropriando o tipo bíblico do Êxodo vendo as histórias dos escravos hebreus antigos as próprias aspirações para a libertação do cativeiro. (...) O regime da escravidão tinha que ser destruído por armas, assim os eleitos à lutar ao lado dos anjos.[5]

Para Callahan a Teologia Negra é uma forma dos negros se identificarem com a imagem do Criador, na semelhança e no trabalho de Jesus que é revelada ao coletivo, mas construída na individualidade vendo em Jesus as dores e feridas que são as marcas da escravidão, assim inspirando um Cristianismo Negro.

Assim, percebe-se a disparidade de representações entre os pastores negros e os brancos, registradas em seus discursos e práticas, revelando uma relação de poder, e uma participação escamoteada que contribuiu para o silêncio da cultura negra no campo religioso batista, especialmente no espaço feirense. Um silêncio que só é rompido quando a título de confissão, muitas vezes utilizado como forma de arrependimento, representando a dualidade entre o bem e o mal existente na doutrina e que fora evidenciado na documentação, mais especificamente em uma das cartas de ingresso, sobre a vocação dos alunos do STBNe:

> Venho por meio destas poucas linhas resumir minha conversão; bom venho de uma família popular. Minha mãe era envolvida com o candomblé a qual era bastante conhecida, pois a mesma era mãe de santo, e fazia trabalho de macumba, na época eu tinha 7 anos de idade via ela fazendo aqueles trabalhos, também via receber os espíritos ou os demônios, não admitiu mim envouvir, eu pensava comigo. Se algum dia eu ser (mais) não quero receber esse espírito; foi quando Satanás apareceu a minha frente, a partir desta data comecei a atuar.[6]

Evidenciando a negação de sua prática religiosa anterior, próprio da prática de conversão protestante:

> (...)as palavra que ele mim falou comecei pensar vou ser é crenti, deixei de fazer trabalhos de feitiçaria, dei fim nos livros de magia. Visitei com Romis a Igreja, tomei a decisão, passei a ser uma nova criatura em Cristo.[7]

Revelam-se assim as articulações dentro da denominação para a construção de sua identidade étnico-racial dentro do campo religioso. Comumente fala-se da segregação racial nas Igrejas protestantes dos Estados Unidos, onde a Denominação Batista continua separada, a dos negros e a dos brancos, mas pouco se fala da Teologia Negra nascida neste, na década em 1969, em uma Conferência dos Teólogos e Pregadores Negros, convocada pelo Comitê Nacional de Eclesiásticos Negros (NCBC), propondo uma teologia na qual o negro se auto-afirmasse, e pudesse confrontar, baseados no evangelho, a opressão discriminatória contra o negro.

Desde o ano de 2003 é ministrada no STBNe a disciplina optativa Teologia Negra[8], de forma a discutir a Negritude de Deus como símbolo teológico, e não como conotação física. Diferentemente de outros movimentos sociais, incluindo o próprio MONEBA - Associação do Movimento Negro Evangélico, fundado em 19 de maio de 2005 em Salvador, a disciplina ou estudo no seminário não tem uma conotação política, pelo contrário, trata-se da experiência

[5] Trecho do texto A Espiritualidade Negra e a Religião de Jesus, publicado na revista do Seminário Batista: Epistêmê, no ano de 2001.
[6] Ficha de matrícula do aluno A.P.S. do STBNe, em 03/03/1989.
[7] Idem.
[8] Disciplina ministrada pelo professor Jorge Luiz Nery de Santana.

religiosa e essa não está a discutir a situação do negro afro-brasileiro, nem promover a apropriação de valores negros na liturgia da Denominação Batista.

Mas há uma pergunta que precisa de uma resposta ou pelo menos de uma reflexão: por que uma Teologia Negra?

O fundamentalismo das denominações protestantes, incluindo a Denominação Batista, transformou os textos bíblicos em um terreno fértil para justificar a escravidão, criando um embasamento doutrinário para tranqüilizar a consciência dos escravocratas e usando a Bíblia para cometerem esse crime contra o povo negro. Citando, muitas vezes, a passagem de Noé, onde Cam surpreende seu pai sem suas vestes e embriagado, o qual amaldiçoa a ele e sua descendência com a servidão a seus irmãos, e com uma interpretação racista, teólogos legitimam e participam da violência contra o negro.

A exclusão social do negro já se tornou uma marca maldita, impingida por uma sociedade que se intitula cristã e que não consegue aplicar seu discurso teológico, que diz respeito à igualdade dos seres humanos perante o Criador. Isto se comprova pela existência de uma disciplina denominada Teologia Negra, mas que não está a construir uma identidade negra religiosa, mas sem a escamotear e velar a realidade do preconceito contra os valores da cultura afro-brasileira.

CONCLUSÃO

O estudo sobre as representações do negro, bem como de sua cultura afro-brasileira, a partir das leituras dos discursos da Denominação Batista, estão a conduzir as representações e comportamentos dentro da comunidade batista, permitindo compreender como, ainda hoje, o discurso batista é permeado, mesmo que de forma velada, pela visão etnocêntrica dos missionários norte-americanos.

O que de fato ficou claro, é que atendendo ao contexto de seu tempo, nasceu no seio da comunidade Batista acadêmica a discussão, mas não uma preocupação em construir uma identidade negra religiosa, como fora revelado pela iniciativa individual de Dr. Callahan na realização do encontro, confirmada pela não realização de outros, acerca da problemática do racismo. E pela restrita e pontual institucionalização da disciplina Teologia Negra, somente ministrada no STBNe, excluindo seu próprio campi de Salvador.

O que é reconhecido nas igrejas históricas é que suas liturgias rígidas valorizam ritmos europeus e norte-americanos em detrimento dos brasileiros, mais especificamente a cultura negra. O discurso que se percebe, não só nos jornais e revistas, mas nos próprios hinos, é a falta de preocupação em explicitar os problemas do cotidiano, de pobres e excluídos da sociedade brasileira, das práticas discriminatórias contra o negro, em particular. Um racismo institucionalizado que pode ser visto em suas representações e posicionamentos que denotam uma discriminação consciente ou inconsciente, violentando o grupo étnico negro. Estes aspectos culturais da liturgia batista acabam por ignorar as manifestações culturais ligadas à religiosidade negra, que incluem em suas formas de louvor, o batuque, a dança, o ritmo e o uso de seu próprio corpo. É esse diálogo com a cultura brasileira que já se percebe entre os neopentecostais.

Assim, percebe-se como a História dos Negros é manchada pela inaceitabilidade e pela violência que sofreram, e da negação de valores e atitudes culturais de sua religiosidade. A Teologia Negra como é pensada dentro do Seminário não passa pela aceitação da negritude e das particularidades culturais negras, e nem pela aceitabilidade do outro. Portanto, rompe-se o silêncio, mas não se ouve um grito negro nas lideranças evangélicas, em particular os batistas, reivindicando o reconhecimento de uma identidade negra religiosa, o que nos alerta sobre a manutenção do racismo frente às religiões afro-brasileiras. Rompe-se o silêncio da cor, mas não da identidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O que é religião?** Editora Ars Poética. São Paulo. 1996.

BARBOSA, José Carlos. **Negro Não entra na Igreja - espia da banda de fora: Protestantismo e Escravidão no Brasil Império.** Editora UNIMEP. 2002.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. São Paulo, Pioneiras, 1971, 2º vol.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo. Perspectivas. 1974.

CALLAHAN, Allen Dwinght. A Espiritualidade Negra e a Religião de Jesus. **Epistêmê**. Ano 03 nº 01. Feira de Santana, 2001.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro. Bertrand do Brasil. 1990.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

LEONARD,Emile. **O Protestantismo Brasileiro Estudo de Eclesiologia e História Social**. São Paulo.ASTE. S/d.

NOVAES, Regina Reyes e FLORIANO, Maria da Graça. **O negro Evangélico.** Comunicações do ISER. Rio de Janeiro, 1985.

OLIVEIRA, Marco Davi de. **A Religião mais Negra do Brasil - Por que mais de Oito Milhões de Negros são Pentecostais**. Editora Mundo Cristão. São Paulo, 2004.

SIEPIERSKI, Paulo D. Localização Histórica do Racismo no Protestantismo Brasileiro. **Epistêmê**. Ano 02, nº 01. Feira de Santana, 2000.

SILVA, Elizete da. **Cidadãos de Outra Pátria**: Anglicanos e Batistas na Bahia. Tese de Doutorado. USP. São Paulo, 1998.

SILVA, Elizete da. Os Batistas na Bahia: Questões étnicas e sociais. In VIII Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). São Luís - MA, 2005.

SOUSA, Ágabo Borges. Reflexão sobre uma Teologia Negra no Brasil. Humanidade e Negritude: Pensando sobre Racismo no Antigo Testamento. **Epistêmê.** Ano 02, nº 01. Feira de Santana, 2000.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar- se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. Editora Graal. Rio de Janeiro- RJ.1983.

TEIXEIRA, Marli Geralda. **Nós os Batistas...** Um Estudo de História das Mentalidades. Tese de Doutorado. FFLCH/USP. São Paulo, 1983.

TRABUCO, Zózimo Antônio Passos. Conversão e Ruptura Cultural em Feira de Santana entre 1980-1990. In no VIII Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). São Luís - MA, 2005.